

# Índios se armam contra devastação no Xingu

Fotos de Fernando Pereira

NÉLSON SEVERINO

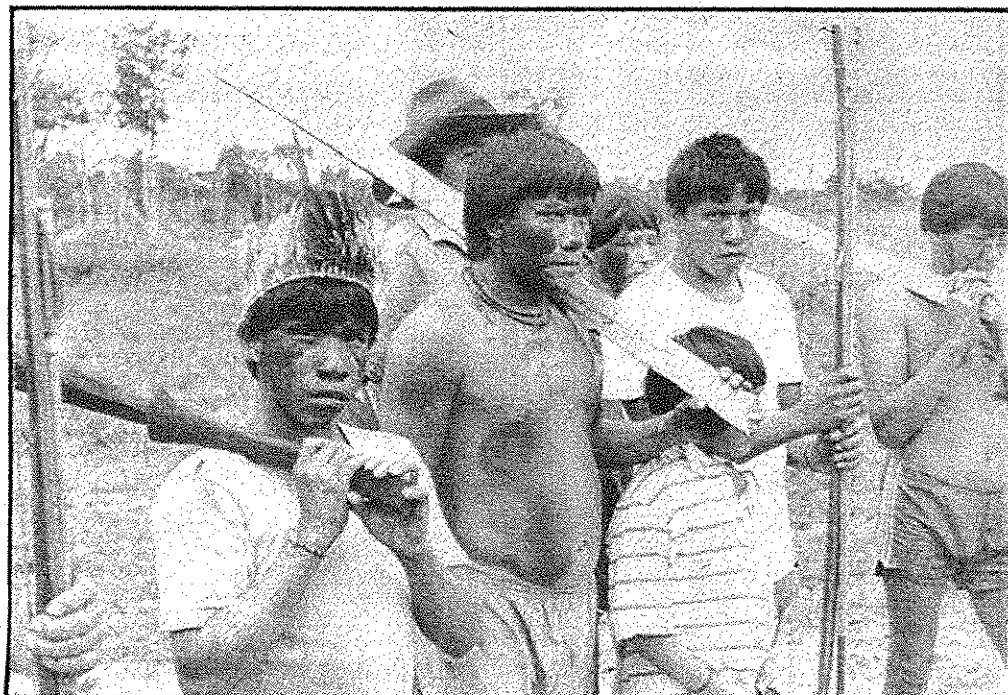
CUIABÁ — Com a aproximação do mês de junho, a pequena população (cerca de 100 famílias) do vilarejo de Gaúcha do Norte — a 600 quilômetros de Cuiabá, no Leste de Mato Grosso — começa a reviver o pesadelo que se repete todos os anos desde que foi iniciada a colonização da área há pouco mais de uma década: a chegada de caçadores e pescadores de todas as partes do País, que devastam seus rios e matam animais e aves que os moradores das zonas urbana e rural procuram preservar.

Os apelos que as lideranças comunitárias fazem sistematicamente aos predadores que invadem suas propriedades não têm surtido efeito. Eles não dispõem de meios para impedir as longas pescarias e as caçadas em suas terras e nas fazendas vizinhas, onde placas que avisam sobre a proibição dessas atividades não são respeitadas. Tentativas de fazer os caçadores cumprirem a Lei não mostram qualquer resultado.

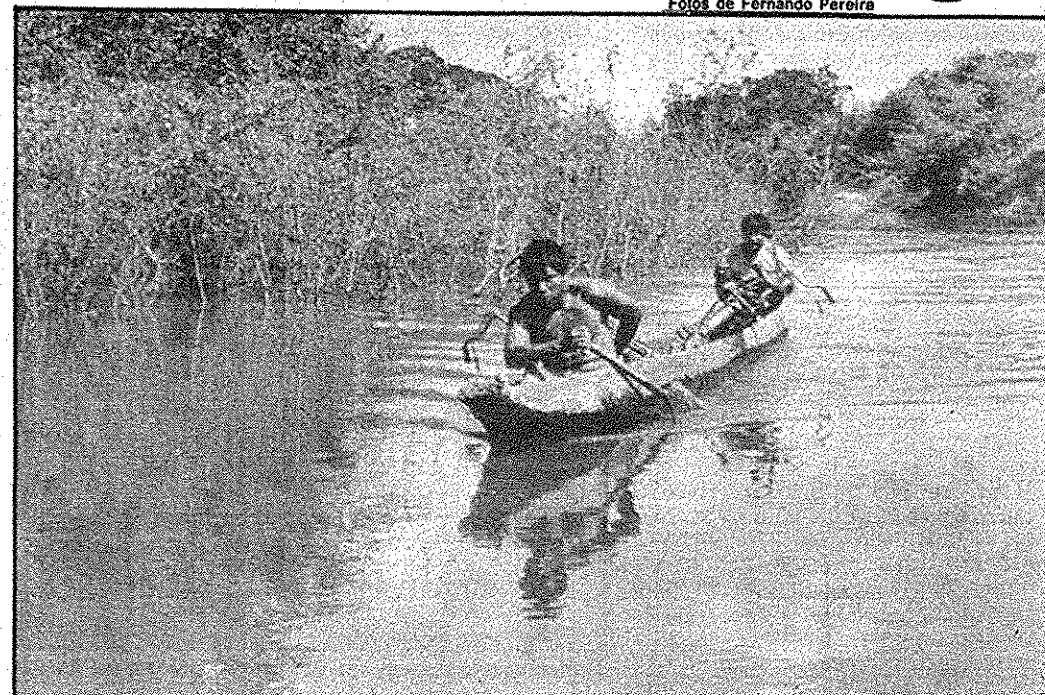
— Esse pessoal que vem de fora tem muito poder e influência. São médicos, advogados, engenheiros, militares, ricos. Já tentamos algumas vezes correr com eles daqui, mas na hora aparece sempre um militar de alta patente que esfrega uma carteira na cara das autoridades de Gaúcha do Norte e fica por isso mesmo. A gente acaba passando vergonha, enfiando o rabinho entre as pernas — diz um antigo morador.

Este ano, a comunidade vai colocar ao longo da estrada que liga Paranatinga ao vilarejo, e daí às matas — onde a caça é abundante — e ao Rio Corisevo, que dá acesso ao Parque Nacional do Xingu, placas e faixas de advertência aos caçadores e pescadores sobre os riscos que estarão correndo: é que os índios avitis, que vivem ao sul daquela reserva, já estão preparados para expulsar com violência quem invadir suas terras e o rio que separa o parque indígena de uma extensa área de Gaúcha do Norte. Os habitantes da área apoiam os avitis, mas querem, com as placas e as faixas de advertência, evitar problemas e riscos para os predadores de seus animais e peixes.

A ameaça de que sua tribo não vai mais tolerar que "brancos" invadam



Os avitis, com bordunas, arcos e flechas, estão montando um posto de fiscalização na região



No Rio Corisevo, limite entre a reserva e Gaúcha do Norte, a patrulha aviti vigia de canoa

suas terras para matar animais, pescar e poluir o Corisevo é de Tom Aviti, o intérprete da tribo. Para melhor controlar as invasões que se sucedem de junho a outubro, quando começa a temporada das chuvas, os avitis estão implantando uma aldeia próxima a Fazenda Josi, cuja área faz divisa com o Parque Nacional do Xingu. Dali, com a ajuda dos vizinhos menacos, os avitis controlarão todas as vias de acesso.

O administrador da Fazenda Josi, Valter de Souza Santos, afirma que se os índios que vivem ao Sul daquele parque não defenderem seus dois principais alimentos — os animais e os peixes — em breve talvez não tenham mais o que comer. Lembra Souza Santos que em apenas um dia, quando subia o Corisevo no ano passado, ele contou num trecho de cerca de 10 quilômetros nada menos do que oito animais — capivaras, veados e antas — mortos por caçadores "pelo simples prazer de matar".

A preocupação do administrador da Fazenda Josi, há 15 anos convivendo em completa harmonia com os índios, não é apenas a futura

sobrevivência da tribo. Ele teme que, com a continuação das invasões de caçadores e pescadores, a prostituição acabe chegando à tribo dos avitis, como já aconteceu com outros grupos indígenas. O motivo de sua apreensão é o fato de haver, entre os cerca de 70 avitis, muitas índias bonitas na faixa de 12 a 15 anos. Bonitas e inocentes, pois ainda andam completamente nuas, inclusive quando estão alojadas na casa de Souza Santos, como agora, enquanto instalam a nova aldeia.

— O perigo de as índias serem corrompidas com presentes e acabarem se prostituindo é muito grande, principalmente numa região deserta onde é comum pais terem filhas como esposas — adverte Souza Santos.

Antes mesmo de começar a invasão dos caçadores e pescadores na região, os avitis já estão extremamente tensos e agressivos. Na semana passada, quando dois repórteres do GLOBO estiveram na Fazenda Josi, foram surpreendidos por um pequeno grupo deles. Pintados para a guerra, eles obrigaram os dois jornalistas, e outras duas pessoas que

acompanhavam, a sentarem-se num banco sob ameaças, e exigiram explicações detalhadas sobre o que estavam fazendo no local. Embora estivessem fora de suas terras, não deram atenção nem a Souza Santos, que tentou explicar que os "brancos" eram amigos. Um deles confessou depois que os avitis já estão muito bem preparados para reprimir as invasões.

Os avitis não têm muito contato com a civilização. Isolados em sua reserva, vivem da caça, da pesca, da mandioca que cultivam já há alguns anos e de produtos que colhem na mata. Um dos mais civilizados do pequeno grupo é Tom Aviti, intérprete da tribo e também do cacique Amanuiap, que não fala a língua dos "brancos". De vez em quando alguns avitis aparecem em Gaúcha do Norte para vender produtos artesanais, principalmente redes para dormir e esteiras, além de animais silvestres que capturam. Até agora, nunca criaram problemas para a população de Gaúcha do Norte que, por sua vez, os trata com muito respeito e amizade.

## Fundação de Sting e Raoni pretende ampliar proteção

É para acabar com problemas do tipo vivido pelos índios avitis que o cantor Sting pediu o apoio do Governo brasileiro na criação da Fundação Mata Virgem. Junto com o cacique Raoni e o cineasta belga Jean Pierre Dutilleux, o cantor inglês está empreendendo uma viagem de 45 dias por 12 países, em busca de recursos para levar adiante o projeto de implantação de um parque natural no Xingu. A idéia é de Raoni e o objetivo é proteger as nações indígenas, a fauna e a flora da região.

A missão já esteve na França, Itália, Inglaterra, Suíça, e o retorno ao Brasil está previsto para junho. Segundo Sting, US\$ 3,5 milhões (NCZ\$ 3,67 milhões no

câmbio oficial) seriam suficientes para custear a demarcação dos 270 mil quilômetros quadrados, reunindo as reservas indígenas de Gurupi e Gorotire, além do Parque Nacional do Xingu, que passaria a se chamar Parque Nacional Mata Virgem.

A campanha de Sting e Raoni, contudo, ainda não conseguiu o apoio das organizações ecologistas Europa, entre as quais a Greenpeace, provavelmente por seu caráter excessivamente promocional. Nas visitas internacionais, Sting aproveita para lançar seu livro, "Planeta Amazonas", escrito a quatro mãos com Dutilleux depois da visita do cantor à Amazônia, cujos direitos autorais se destinam à Fundação Mata Virgem.